



**SUMÁRIO**

<b>1. Carta de boas vindas do Secretariado.....</b>	<b>2</b>
<b>2. Introdução ao tema.....</b>	<b>4</b>
2.1 Diplomacia pré-OIGs.....	5
2.2 Importância para os dias atuais.....	6
<b>3. Introdução à CPP.....</b>	<b>6</b>
<b>4. Paz Armada.....</b>	<b>10</b>
4.1 Partilha da África.....	12
4.2 Partilha da Ásia.....	12
4.3 Política Racista Europeia.....	13
<b>5. Primeira Guerra Mundial.....</b>	<b>14</b>
5.1 Primeira etapa.....	15
5.2 Segunda etapa e seus efeitos.....	15
5.3 Pós-guerra e convocação da CPP.....	16
<b>6. Países vencedores e posicionamentos.....</b>	<b>17</b>
6.1 Estados Unidos.....	17
6.2 França.....	19
6.3 Reino Unido.....	22
6.4 Itália.....	24
<b>7. A Conferência de Paris.....</b>	<b>25</b>
7.1 Antecedentes.....	25
7.1.1 As Convenções de Genebra.....	25
7.2.2 As Convenções de Haia.....	27
7.2 Pacifismo pré-guerra: grandes representantes.....	27
7.2.1 Norman Angell.....	27
7.2.2 Alfred Nobel.....	28
7.2.3 Andrew Carnegie.....	28
<b>8. Políticas Conservadoras vs. Liberais.....</b>	<b>29</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>30</b>



### 1. Carta de Boas Vindas (Carta do Secretariado)

É com extrema satisfação que mais um passo é dado na consolidação da cultura de simulações “modelos das Nações Unidas” na Paraíba. Na primeira SIPEM, a palavra-chave foi “complexidade”: abordou-se o conflito árabe-israelense, visto pela academia como um dos de mais complicada resolução.

Na segunda edição, a inovação foi a diferença: um comitê para ensino médio de crise contínua do passado, mas com ecos retumbantes na mídia recente (OTAN - Guerra das Malvinas) e outro comitê de um tema “tendência”, mas abordado do ponto de vista dos países árabes, cuja contribuição é, muitas vezes, ofuscada pela disposição da política no sistema internacional (Liga dos Estados Árabes - Estado Islâmico).

No terceiro feito, o essencial foi a adaptação. Foram abordados temas de tráfico de drogas transfronteiriço (Conselho de Defesa da UNASUL), crimes e terrorismo cibernéticos (INTERPOL) e a participação do Brasil na segunda Guerra (Gabinete de Vargas). Essa edição teve como escopo a maneira com que se dá a reação a um evento de força maior, com que se adapta às mudanças contínuas que têm lugar em todos os níveis de relações e com que se resolve essas problemáticas.

Por fim, a quarta edição é marcada pela história. Todos os comitês na discussão dos temas propostos quebraram paradigmas - e criaram muito mais. A Conferência de Paz definiu o século XX. Afinal, a I Grande Guerra é herança do século XIX e, de fato, em Paris, deu-se início ao que estudamos hoje por Século XX, que, verdade seja dita, só vale a pena ser lembrado para que não seja repetido. O Conselho de Segurança em resolução improvável, num ato político fácil de entender, mas difícil de decifrar - ou entender de verdade - definiu o século XXI: trilhões de dólares foram gastos, teve influência na crise de 2008, milhares foram mortos, a crise de migrantes e refugiados e o terrorismo têm em seus fatores constituintes uma herança da Guerra do Iraque. O Brexit e o panorama das relações comerciais, atual que seja, voltam no tempo: a globalização achou a política uma limitação. Os processo de integração regional e global parecia um caminho do qual não se fugiria, nem pareceria apropriado. Se fomos dos feudos aos países e, para Kant, algum dia, iríamos chegar a uma federação mundial, esses eventos - ao lado da saída dos Estados Unidos do Acordo Transpacífico, por exemplo - põem em cheque esperanças e crenças fomentadas por uma parte importante de estudiosos e, conseqüentemente, a dinâmica mundial.

A história não segue uma linearidade de casuística exata: são momentos específicos dela que a definem. Um slogan presente na propaganda das simulações



#### **IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO**

---

de uma maneira geral é o de que o estudante possa “reescrever a história”. E Raramente se viu a história tão saliente em momentos específicos. É nesse trotar que a reescritura da história não precisa ser feita no passado, mas a mera mudança de rumo das correntes atuais podem reescrever um destino - catastrófico, como pensamos que tudo nessa vida pós-moderna é.

Tendo isso em mente, o Secretariado da IV Simulação Paraibana de Ensino Médio deseja as boas vindas e uma ótima experiência.

Saudações Modeleiras

O Secretariado



### 2. Introdução ao Tema

O Século XX foi marcado por revoluções e mudanças cruciais para o entendimento da Diplomacia e das Relações internacionais, desde as suas primeiras décadas, seus acontecimentos marcaram e modificaram todo o Concerto de Estado Europeu. Logo no início dos anos 10, o barril de pólvora que a Europa se encontrava, acabou explodindo com o assassinato do herdeiro do trono austro-húngaro, Francisco Ferdinando. Tal acontecimento, alinhado aos revanchismos e a uma série de tratados secretos, acabou levando ao que se conheceria por Primeira Grande Guerra.

Após quatro longos anos de uma verdadeira carnificina, os países aliados, conseguiram superar as Potências Centrais e venceram a guerra. Como de costumes nas guerras, os países vitoriosos se reuniram para definir os termos de paz para as Potências Centrais, que foram derrotadas, seguidos por um armistício. Assim como o nome indica, o seu acontecimento foi em Paris e recebeu delegações vitoriosas do mundo todo.

Embora o objetivo principal fosse definir os termos de paz, a Conferência de Paris também abrangeu diversos outros tópicos, sendo um dos seus principais, a criação da Liga das Nações.

Após a sua ocorrência e criação de novas Organizações, o modo de se fazer diplomacia nunca mais foi um mesmo, tendo a Conferência como seu Marco Inicial, o sistema de Organizações Internacionais, que vigora até hoje, em especial com a ONU.

#### 2.1 Diplomacia pré-OIGs

Antes da Liga das Nações, a forma como a diplomacia era feita, possuía diversas particularidades e em sua maior parte, eram centradas no Concerto Europeu.

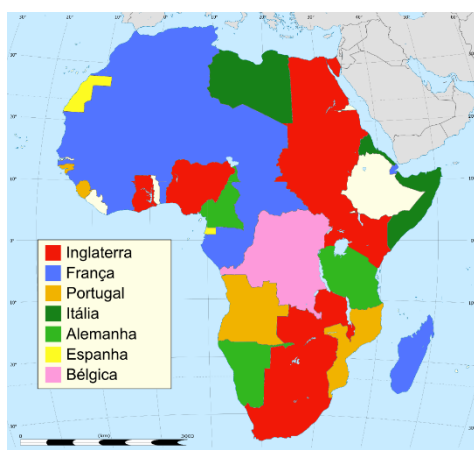
Para entender a história do estudo da diplomacia, é necessário voltar para o seu nascimento, na Grécia Antiga, quando Tucídides passou parte da sua vida e das suas obras, estudando e se dedicando para as relações entre as Cidade-Estados gregas. Apesar dos esforços de Tucídides, o principal papel no estudo da diplomacia provavelmente caiu sobre Leopold von Ranke, com a sua corrente de mostrar a história *wie es eigentlich gewesen*, isso é, como ele realmente aconteceu. Ranke, acabou sendo considerado o pai da História

#### IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

Científica, contribuindo muito para a expansão da história com uma base na política internacional e análise de documentos históricos.

Durante todo esse tempo, a diplomacia era quase que majoritariamente um mecanismo utilizado pelas grandes potências europeias para reger as suas relações, maximizar o seu poder e trazer a paz ao continente, especialmente após o caos gerado pelas guerras napoleônicas.

Um exemplo de acordo diplomático utilizado entre as potências para maximizarem seus poderes e garantirem a paz na Europa, foi a Conferência de Berlim(1884-1885), onde acabou por acontecer a Partilha da África. Os Estados europeus precisavam escoar seus produtos para mercados menores, assim como garantir uma nova mão de obra barata e exploração material, com um receio de uma possível guerra continental causada por tais desejos, as principais potências europeias se reuniram e dividiram entre si, territórios do continente africano, não levando em consideração os desejos dos povos ou reis africanos. Apenas a Etiópia não foi dividida entre as potências europeias.



O mapa ao lado apresenta como ficou a divisão da África entre as potências europeias para uma tentativa de equilíbrio de poder em solo europeu. Após a divisão, os Estados europeus tiveram um super desenvolvimento acorrentado pela exploração, com isso, passaram a investir mais em equipamentos militares, que cada vez se tornavam mais potentes.

Com esse aumento da militarização, diversos países passaram a ficar preocupados com possíveis invasões, com isso, a diplomacia foi amplamente utilizada com acordos secretos.

Diversas alianças secretas foram assinadas e rompidas ao longo do Século XIX e início do Século XX, com esses acordos secretos, um efeito catastrófico foi a Primeira Grande Guerra. Quando esta chegou ao seu fim, a comunidade acadêmica acabou vendo os tratados secretos como um dos seus principais causadores, já que países que não tinham uma ligação com o conflito, tiveram que participar para cumprir seus tratados. Com isso, as Organizações Internacionais nasceram para tentar deixar os acordos mais amplos e claros para todos.



Alguns dos principais resultados da Conferência, já foram expostos ao longo do texto. Como a criação da Liga das Nações, que hoje deu modelo para uma organização melhor estruturada e bem mais complexa, a Organização das Nações Unidas(ONU), fazendo assim, surgir um crescimento nos acordos multilaterais e impedindo acordos secretos, que para muitos estudiosos, tinham sido as causas da guerra.

Na conferência, foi discutido também o Tratado de Versalhes, que acabou impondo pesadas penas para a Alemanha, penas essas que fizeram o Estado alemão mergulhar em crises econômicas e sociais, facilitando o surgimento de líderes fascistas e do partido Nazi, liderado por Adolf Hitler. Suas ações marcariam para sempre os rumos da história e da humanidade.

A Conferência de Paris foi bem mais que uma simples conferência, ela foi o início de uma nova Ordem Internacional, propiciou o surgimento de novos atores e marcou o declínio de antigos.

### 3. Introdução à CPP

Indesejada pelas potências mundiais e surpreendentemente longa e danosa ao continente europeu, a Primeira Guerra Mundial, até então chamada de Grande Guerra, estava próxima de seu desfecho em 1917, quando os Estados Unidos trouxeram suporte às tropas da tríplice Entente e a força alemã, já esgotada e abalada, entrou em decadência. Era apenas uma questão de tempo até que a redenção alemã fosse assinada em 11 de Novembro de 1918.

Mesmo após esse ocorrido, as sequelas da guerra permaneciam numa Europa enfraquecida, após tantos investimentos armamentistas, perda populacional e desestabilização da estrutura econômica do continente, era então necessário atender às novas necessidades que surgiram com o conflito. Como escreve John Maynard Keynes (1920, pg.16), “cabia à Conferência de Paz honrar os compromissos e satisfazer os reclamos da Justiça; mas cabia-lhe igualmente restabelecer a vida na Europa e curar as suas feridas. Tarefas ditadas tanto pela prudência como pela magnanimidade que a sabedoria dos antigos tanto elogiava nos vencedores.” Ou seja, não devia-se priorizar a punição dos perdedores em detrimento do reerguimento das potências afetadas.

A Conferência de Paz foi a reunião dos países vencedores instalada em 19 de Janeiro de 1919 para determinar os acordos e tratados que seriam firmados pós-guerra. Em 1919,



#### **IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO**

Paris era a capital do mundo. A Conferência de Paz era a questão mais importante do momento e os seus participantes, os mais poderosos no planeta. Eram eles representantes de todas as 27 nações que se haviam coligado contra a Alemanha e seus aliados, contudo tantas opiniões e interesses tornavam as discussões mais difíceis e, por isso, foi necessário criar um mecanismo pelo qual os cinco grandes (Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Itália e Japão) reuniam-se para sessões úteis; pela primeira vez os vencedores foram excluídos da mesa de negociações, na qual também a RSSR não se fazia representar por ter deixado a guerra para tratar de seus conflitos internos advindos da Revolução Socialista de 1917.

Os cinco grandes possuíam árduos objetivos: reerguer uma Europa em ruínas, obter da Alemanha restituições e reparações de guerra pesadas, deter o avanço da recente Revolução Russa e gerenciar o instável equilíbrio do poder após o desaparecimento ou desintegração dos impérios antigos como a Áustria-Hungria e o surgimento de novas entidades políticas, como o Iraque, a Jugoslávia ou a Palestina.

#### **4. Paz Armada**

Alguns teóricos das Relações internacionais e historiadores, como Boulos Júnior, chamam o período entre 1870 e 1914, que antecede a Primeira Guerra Mundial de “Paz Armada”, devido à suposta situação de redução de conflitos bélicos no continente Europeu da época. No entanto, é de suma importância o entendimento de que essa paz não quer dizer ausência de conflitos, além de que esse período tem raízes bem mais antigas do que a unificação Alemã de 1870.

A Europa estava experimentando um rearranjo político recente, desde os tratados de Vestfália que puseram fim a Guerra dos Trinta Anos. Esse período conhecido como “longa paz”<sup>1</sup> foi, na verdade, um período de conflitos e guerras constantes, mas que serviriam, principalmente, para reforçar e equilibrar o poder no continente Europeu. Foi nesse período que o Antigo Regime se consolida na França, com a hegemonia do “Rei Sol” Luís XIV. Enquanto na Grã-Bretanha, a disputa com a Holanda atesta a hegemonia de sua frota marítima. Já no século XVIII a Guerra dos Sete Anos iria opor Grã-Bretanha e Prússia contra a Áustria e a França, consolidando as grandes e médias potências e restringindo o poder francês. Nesse sentido, o teórico francês Raymond Aron traça um comentário acerca do equilíbrio do poder Europeu ter se dado através do conflito:



“No nível mais elevado de abstração, a política de equilíbrio se reduz à manobra destinada a impedir que um Estado acumule forças superiores às de seus rivais coligados. Todo Estado se quiser salvaguardar o equilíbrio, tomará posição contra o Estado ou a coalizão que pareça capaz de manter tal superioridade. Esta é uma regra geral válida para todos os sistemas internacionais.” [ARON, 1986]

Dessa forma, a Europa emergente desse contexto era organizada em um sistema **pluripolar** e, relativamente, equilibrado entre médias e grandes potências. A chegada ao século XIX não foi menos conflituosa do que os séculos anteriores, uma vez que ao final do século XVIII os ideais burgueses e liberais haviam afetado a Europa profundamente. A Revolução Francesa que derruba em 1789 o, até então, inabalável Antigo Regime, é o sinal de novos horizontes ideológicos para o cenário europeu. Temos em seguida, a expansão do império napoleônico, que dominando a maior parte da Europa por quase vinte anos, também difunde ideais Burgueses pelo continente. No entanto, os refluxos da história se mostram evidentes com a derrota de Napoleão. Tendo Napoleão sido derrotado, a Europa se reúne, entre 1814 e 1815, no que ficou conhecido como o “**Congresso de Viena**”.

O congresso teve como objetivo reorganizar a Europa pós Napoleão, mas procurou também, trazer de volta o Antigo Regime, que teria tido sua marcha interrompida, abruptamente. Na revisão das fronteiras e do poder, o congresso, de acordo com Magnoli, observou dois princípios: o princípio da legitimidade e o princípio do equilíbrio de poder europeu. Esses princípios originaram a chamada “**política de restauração**”, devolvendo ao trono as dinastias que foram destronadas na era napoleônica.

No entanto o século XIX na Europa foi, também, uma época de embates ideológicos. Os ideais socialistas de Karl Marx e Friedrich Engels, inundaram a Europa que, recém-industrializada e desenvolvendo um capitalismo forte e crescente, foi a terra perfeita para o cultivos dos ideais socialistas em oposição ao Liberalismo burguês e acrescente industrialização que tanto prejudicava os trabalhadores e intensificava as desigualdades. Essa confluência de acontecimentos geraria o oposto do que foi tentado no Congresso de Viena, resultando numa sequência de revoluções nacionalistas por toda a Europa, a chamada “**Primavera dos Povos**” em 1848.





Para chegar aos acontecimentos de 1848, é necessário compreender os desdobramentos do Congresso de Viena nas grandes Potências Europeias. A Inglaterra adquiriu um caráter de poder a nível global, expandindo, cada vez mais seus domínios sobre as colônias. Já na França, o rei Luís XVIII assumiu o trono, pautado no respeito às garantias já conquistadas pelo povo francês. Havia, também, na França uma disputa entre os três principais grupos políticos: os Ultrarrealistas que buscavam o retorno do Antigo Regime; os Liberais Constitucionalistas que queriam a aplicação integral da Constituição; e os Liberais Radicais defendiam ideais revolucionários e se opunham, totalmente, ao Antigo Regime. Em seguida à morte de Luís XVIII, o seu irmão assume o trono e utiliza medidas de retorno ao Antigo Regime, causando revoltas populares conhecidas como Jornadas Gloriosas, que depuseram Carlos X. Substituído por Luís Felipe, que ficou conhecido como o “rei burguês”, devido ao forte apoio dado à burguesia. Uma crise econômica atingiu o governo de Luís Felipe, gerando uma união entre diversos setores políticos da sociedade contra o rei, derrubando o rei e instaurando uma segunda República que culminaria na ascensão de Luís Bonaparte, sobrinho de Napoleão, que viria a tornar-se o imperador Napoleão III. Esses acontecimentos foram parte impulsionadora da supracitada Primavera dos Povos em 1848, que geraria, dentre outros acontecimentos, a unificação de importantes nações europeias, como a Itália e a Alemanha.

O Congresso de Viena dividiu as terras italianas em pequenos Estados, em sua maioria sob domínio estrangeiro. Alguns liberais idealistas da unificação italiana, já haviam se manifestado e foram reprimidos, como Manzini e Garibaldi, continuando a luta pela unificação através do reino de Piemonte-Sardenha, que conseguiu o apoio da burguesia e da França, combateram as pretensões austríacas e saíram vitoriosos, ganhando os territórios da Lombardia, Parma, Módena e Toscana, seguindo para libertação e anexação de outros territórios italianos, até que o rei Sardo-Piemontês Victor Emanuel II foi coroado rei da Itália, 1861. [Boulos Junior, 2011]

O Congresso de Viena, ao redefinir as fronteiras na Europa, dividiu as terras alemãs em vários pequenos Estados independentes, conhecidos como Confederação Germânica. Dos quais os dois mais influentes são a Prússia e a Áustria. Nada iria modificar tanto os fluxos de poder da Europa, quanto à unificação alemã. A primeira etapa da unificação ocorre em 1833, o *Zollverein*, medida que derruba as barreiras alfandegárias da confederação alemã, impulsiona o desenvolvimento do capitalismo na região, excluindo a Áustria. Em seguida, o importante marco de 1862 é a nomeação de Otto Von Bismarck para chanceler da Prússia,

#### **IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO**

pois Bismarck será o principal idealizador da unificação. A guerra com a Áustria, e por fim a guerra Franco-Prussiana de 1870 foram as etapas militares da unificação, que vem a se concretizar em 1871, após grande vitória contra a França, culminando no polêmico Tratado de Frankfurt que, além de determinar pagamento de pesada multa, permitir a ocupação parcial de Paris, entregava ao domínio alemão a região da Alsácia e da Lorena.

A situação da Europa apenas se conflitaria cada dia mais, a Alemanha disputaria com a Rússia no final do século XIX, a produção de armamento sofreria um aumento absolutamente maior, as questões nacionalistas, como dos Balcãs se acirraria exponencialmente, levando à formação da Tríplice Entente, formada pela Grã-Bretanha, França e Rússia, e a Tríplice Aliança, composta pela Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália. Esse cenário compõe a, delicada, situação pré-guerra, conhecida como “Paz Armada”.

#### **4.1 Partilha da África**



A expansão e subsequente dominação europeia da África têm suas impulsões, principalmente, em razões econômicas derivadas do processo imperialista e industrial do século XIX. Na segunda metade do século XIX a Europa experimentava um crescimento industrial, ou seja, dos meios de produção, das relações sociais descendentes dessa nova produção, nunca antes vistas. Um processo que a história vai reconhecer como “Segunda Revolução Industrial”. Esse novo período de modernização industrial foi caracterizado por: intensa aproximação da ciência e da tecnologia no processo de industrialização; importantes invenções tecnológicas, que ajudaram a impulsionar a marcha moderna; uso de novas fontes energéticas mais eficientes; além das linhas de produção mais eficientes.



Todo esse ultra desenvolvimento da produção industrial capitalista, ensejava e trazia a necessidade de novos mercados consumidores para escoamento da produção e novos campos de matérias-primas, além de necessidade de mão de obra. À época, o continente africano, ainda timidamente explorado, tendo seu foco de exploração na costa, na busca de ouro e no mercado de escravos, vai ser destinado a novos usos, por parte dos europeus. À medida que os interesses capitalistas impulsionaram a expansão das potências europeias pela África, novas ideias de legitimação tomaram conta dessa nova empreitada, que ficou conhecida com Imperialismo ou Neocolonialismo. Visto que os movimentos abolicionistas tinham ganhado extrema força, principalmente na Inglaterra, a nova jornada pela África, traria uma perspectiva de união profunda da política com a ciência, levando o mundo a crer numa missão civilizadora dos povos europeus na África.

No início do domínio europeu na África, os meios diplomáticos foram o centro da política expansionista, a diplomacia havia se tornado a principal arma de dominação. Foi utilizado o sistema político dos protetorados, que eram tratados de cessão da soberania dos líderes locais para as potências europeias, levando os líderes tribais africanos a praticar a política da nação conquistadora dentro de seu território, sendo a investida militar utilizada em uma segunda fase de dominação bem mais intensa.

Cada nação europeia encaminhou sua dominação para territórios específicos da África. Os franceses se concentraram, principalmente, no norte da África, em destaque a Argélia, que rapidamente passou de uma relação de dominação diplomática para dominação militar. Além da Argélia, a França dominou, também, a ilha de Madagascar expandindo, bastante, seus limites no continente. Já os belgas, através do seu ambicioso rei Leopoldo II, lutaram pela dominação de uma colônia localizada no centro da África, em específico o Congo, e fez deste o seu território particular para diversas atrocidades contra a dignidade humana e intensa exploração da borracha e do marfim.

Os ingleses, que se encontravam, inicialmente, no Egito, realizaram lá a construção do Canal de Suez, ligando o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho. Em seguida anexou o Sudão ao seu domínio, expandindo, em seguida, para várias outras direções do continente, com foco na região Sul da África. Portugal manteve seus domínios já, anteriormente, conquistados. Como Guiné, Moçambique, Cabo verde e Angola. Já a Espanha dominou uma parte do Marrocos.



## IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

A “**Conferência de Berlim**”, realizada em 1884 a 1885, ensaiou-se com duas razões: a primeira sendo a tentativa constante do rei Leopoldo II da Bélgica ter o Congo reconhecido com de sua posse; e a segunda com o advento do olhar interessado da Alemanha na posse de algumas terras do recém-explorado continente africano e na preocupação com o equilíbrio do poder europeu. A conferência que teria sido convocada com as pautas de normatizar a navegação livre no rio Congo e rio Níger, não possuía pautas específicas para uma partilha da África, propriamente dita. Além da livre navegação, a conferência também tratou de questões humanitárias, como o combate tráfico de escravos, a liberdade religiosa e a concessão de direitos especiais para missionários e exploradores<sup>2</sup>. A partilha, na verdade, aconteceu através de uma série de tratados e acordos, celebrados entre as potências em períodos anteriores e posteriores à conferência. [Magnoli, 2008]

### 4.2 Partilha da Ásia

O supracitado Imperialismo europeu, influenciado pela segunda fase da revolução industrial, não avançou somente sobre a África para saciar sua crescente produção capitalista. O processo Asiático deu-se de forma semelhante, exceto pela ausência de uma conferência formal de caráter de partilha, como no caso Africano. Na Ásia a dominação foi se formando desde as expedições portuguesas no século XV e XVI.

Os ingleses foram os que mais dominaram territórios no continente asiático, alcançando influência global, poucas vezes experimentada na história do Velho Mundo. Na Índia, os ingleses chegaram por volta do século XVII, usando a mesma tática de, em primeiro plano, a diplomacia seguida da força, de forma que no final do século XVIII, os ingleses já haviam se apoderado de quase todo o território indiano. Na Índia, os ingleses os faziam exportar a matéria-prima e importar a manufatura inglesa, rendendo tantos lucros aos ingleses que foi chamada de “A Joia Mais Preciosa da Coroa”. Depois de suprimir uma revolta indiana contra a coroa inglesa, os ingleses nomearam a rainha inglesa, imperadora da Índia, dominando definitivamente a nação indiana. Usando o poder conseguido coma dominação da Índia, a Grã-Bretanha avançou e conquistou outros territórios como a Birmânia, a Nova Zelândia, a Austrália e culminou dominando parte do império chinês.

Na China, a Inglaterra, durante muito tempo, pressionou a abertura de seus portos ao comércio com a Europa, sempre recebendo negativas chinesas, que apenas dificultavam cada vez mais o comércio, os ingleses decidem usar o artifício do Ópio para desestabilizar a sociedade chinesa, por ser uma droga altamente nociva e viciante. O governo chinês reagiu



#### IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

queimando e toneladas de Ópio dos navios ingleses, o que causou a Guerra do Ópio, levando à derrota da China frente aos ingleses, que obrigaram a China a assinar o Tratado de Nanquim. O Tratado estabelecia total abertura dos portos aos ingleses, como pagamento de indenização, além do controle inglês de Hong Kong e a extraterritorialidade do Direito inglês aos cidadãos ingleses na China. Após esses acontecimentos, outras revoltas chinesas puseram o país, cada vez mais, em crise e o abriu de vez para as outras potências ocidentais.

No caso japonês, o isolamento dessa nação só foi quebrado, definitivamente, quando os Estados Unidos da América forçaram uma abertura portuária e começaram a comercializar com o Japão. Essa abertura influenciou uma crise política no Japão que derrubou o regime do shogunato no Japão, dando início ao que ficou conhecido como “Era Meiji”, tendo sido um período de larga modernização do Japão. Essa modernização também teve caráter imperialista, lançando o Japão numa guerra contra a China, saindo vitorioso e conquistando os territórios da Coreia e de Taiwan. Provocou, também, uma guerra Russo-Japonesa, vencendo esta e obtendo a região da Manchúria.

Dessa forma, o continente asiático sofreu sua “partilha” entre nações ocidentais e o Japão no extremo Oriente. Tendo suas terras divididas entre dominação britânica, francesa, holandesa, portuguesa, alemã, japonesa e norte-americana.

#### 4.3 Política Racista Europeia

No século XIX, a Europa experimentava uma enorme ascensão do racionalismo, das ciências e da tecnologia. Esse crescimento da ciência, muitas vezes, foi precoce e incorreu em terríveis equívocos científicos. Dentre eles, é salutar entendermos uma teoria que ganhou muita força na Europa ocidental da época imperialista, o chamado “**Darwinismo Social**”. Essa teoria científica apropriou-se da teoria da evolução das espécies do naturalista Charles Darwin, adaptando-a para as sociedades humanas, defendendo a existência de diferentes níveis de evolução, baseados nas características étnicas dos indivíduos. Segundo os Darwinistas sociais, a escala evolutiva inicia com os negros, seguia para os ameríndios, asiáticos e culminava nos europeus brancos como superiores na escala evolutiva. Sendo a raça uma questão biológica, a desigualdade também seria uma questão da biologia. Esses ideais foram usados para legitimar todo o processo imperialista do século XIX, com a suposta função dos europeus realizarem sua “missão civilizadora” nos povos menos evoluídos,



levando, inclusive, o Japão a propor na Conferência de Paz de Paris em 1919, uma proposta de acordo de igualdade racial.

### 5. Primeira Guerra Mundial

Tendo por base as informações supracitadas, é claro o entendimento de que a Europa do fim do século XIX e início do século XX era um verdadeiro “barril de pólvora”, pronto para explodir diante de disputas imperialistas, nacionalistas, ideológicas e econômicas. Toda esta insatisfação latente explicitou-se através da política de alianças, Bismarck, para não isolar a Alemanha em caso de necessidade, formou a Tríplice Aliança, unindo-se ao Império Austro-Húngaro e à Itália. Com a demissão de Bismarck, a Alemanha passou para uma forte política militar, o que acirrou ainda mais a relação com as demais potências. Já de outro lado, a Inglaterra que possuía um vasto império colonial, tomou precauções para proteger seu império da política militar alemã, aproximando-se então da França. Que ainda muito ressentida da guerra Franco-Prussiana, forma uma coalizão com a Inglaterra e a Rússia, formando, assim, a Tríplice Entente. Na frente Russa, os ideais russos do “Pan-Eslavismo”, pelo qual a Rússia deveria ajudar e favorecer seus irmãos Eslavos foi o artífice perfeito para apoiar a causa ultranacionalista sérvia, que procurava construir a “Grande Sérvia”, e por isso fazia fortes oposições ao Império Austro-Húngaro, que detinha sob seu domínio nações eslavas como a Bósnia.

A soma de todos estes interesses foi a fagulha perfeita para ascender o “barril de pólvora” que era a Europa. O Império Austro-Húngaro estava contrariando os povos eslavos devido a desejos de unir completamente estes ao domínio de seu império. Dessa forma, o grupo ultranacionalista eslavo, chamado de “Jovem Bósnia”, assassinou o herdeiro do trono Austro-Húngaro, Francisco Ferdinando, levando ao estopim do que seria, até então, a maior e mais sangrenta guerra em escala mundial que o mundo já havia visto. [Boulos Junior, 2011]

#### 5.1 Primeira metade

Em um primeiro momento da guerra, o mundo pensava que seria uma guerra rápida. E a sua primeira fase, de fato, foi. No começo da guerra o Império Russo tentou invadir o Leste



#### **IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO**

da Prússia, que pertencia ao Império Alemão. Após sucesso inicial a força ofensiva russa foi derrotada na grande Batalha de Tannenburg, onde as tropas russas foram cercadas e destruídas numa operação militar que levou grande prestígio ao General alemão Paul Von Hindenburg.<sup>1</sup>

Muitas outras batalhas ocorreram na Frente Leste, como por exemplo, a Batalha da Galícia onde o exército russo derrotou as tropas Austro-Húngaras e as forçou a recuar da região da Galícia. Em agosto de 1914 a guerra começou no Oeste, com o Império Alemão tomando a iniciativa. A intenção do governo alemão era invadir a França e aumentar sua influência imperialista ao redor do mundo. Para isto era necessário subjugar a França e o Reino Unido. Ao invés de atacar a França diretamente pela fronteira Alemanha-França o Comando de guerra alemão decidiu invadir a França ao norte, passando seu exército por Luxemburgo e pela Bélgica. A Alemanha pretendia executar o chamado “Plano Schlieffen”, que pretendia uma invasão da França por duas frentes do Exército, que iriam pressionar os franceses, no entanto, o plano falhou devido à derrota alemã na Batalha do Marne, na qual a França obteve apoio inglês e a forte resistência da Bélgica. Encerrava-se, assim, a primeira fase da Grande Guerra, junto com essa fase, desaparecia a pretensão de uma guerra curta.

##### **5.2 Segunda metade e seus efeitos**

A segunda metade da primeira grande guerra, caracterizou-se por duas características: a primeira é que a guerra mudou de movimentação, para entrenchamentos; e a segunda foi a crescente crise interna dos países envolvidos. Outras características secundárias seria a entrada de novos países no conflito e o uso de novas armas.

Essa nova fase do conflito, na qual as batalhas eram travadas em trincheiras, trouxe uma lentidão absoluta para a guerra, os soldados eram largados em valas de terra, passando por condições sub-humanas nas batalhas. Nesse momento da guerra as potências industriais testam as novas armas, desde gases venenosos, ácidos e outras armas químicas, até novas munições, canhões e metralhadoras, tudo produzido pela indústria bélica que se desenvolveu, largamente, durante o período de “paz armada”. Nessa época da guerra novas nações tomam parte no conflito e intervêm de ambos os lados. Itália que mudou de lado, ligando-se à entente, junto com a Romênia, Grécia e o episódio da entrada de países americanos, como os Estados Unidos e o Brasil, que entravam unidos aos países da Entente, em 1917, atestou o caráter mundial deste conflito.

---

<sup>1</sup> (ESTADÃO. Em:<http://infograficos.estadao.com.br/especiais/100-anos-primeira-guerra-mundial/>. Acesso em 19 de fevereiro 2017.)



Já do lado da Tríplice Aliança, a Bulgária e o Império Turco-Otomano ingressam na guerra. Enquanto isso, na Rússia a revolução socialista derrubava o regime do Czar, levando a retirada da Rússia do conflito, através do Tratado de Brest-Litovsk (1918) assinado pelo novo líder russo Vladimir Lênin. Com a saída da Rússia, a Alemanha promove uma ofensiva total na Segunda Batalha do Marne, sendo derrotados, mais uma vez. Essa situação promoveu a crise política interna na Alemanha, com a renúncia de Guilherme II e a decretação da República Alemã, consolida-se a sua derrota e o fim da Guerra.

### 5.3 Pós-Guerra e convocação da CPP

No dia 11 de novembro de 1918, a nova República alemã assinou o “Armistício de Compiègne”, encerrando o conflito bélico. Ao fim da Grande Guerra, o saldo de mortos alcançava os milhões, nunca antes o mundo havia presenciado um conflito desta magnitude. Além do saldo de mortos, alguns países haviam sofrido desmembramento político, a exemplo do Império Austro-Húngaro. A vontade de uma vitória total e absoluta por parte dos aliados vencedores e as questões políticas das redefinições de fronteiras foram algumas das causas que levaram a França, através de Georges Clemenceau e a Inglaterra de Lloyd George a negar a proposta de acordo de paz dos americanos e convocar a “**Conferência de Paris**”.

### 6. Países vencedores e posicionamentos

A Alemanha não foi convidada à conferência, nem o Império Austro-húngaro ou o Otomano. Ainda que todos tenham representado o lado perdedor da guerra, a Alemanha diferenciava-se das antigas Potências Centrais por representar uma das nações mais industrializadas no mundo. Do outro lado, estavam o Império Austro-húngaro e o Império Otomano, com suas múltiplas nacionalidades e economias subdesenvolvidas. O que mostra a Alemanha numa situação mais vantajosa; não poderia ser destruída tão facilmente. Ou seja, representaria um verdadeiro desafio impedir o país de se reerguer como potência militar e econômica num curto período de tempo.

Do lado vencedor, as opiniões e posicionamentos eram os mais variados, cada nação havia um histórico diferente envolvendo a Alemanha, cada nação tinha suas próprias necessidades, aflições e experiências de guerra. É imprescindível observar os posicionamentos mais expressivos das delegações vencedoras, para que se possa compreender de forma completa o que se passou durante a Conferência de 1919.

#### 6.1 Estados Unidos





Os Estados Unidos entraram na guerra em 1917, porém, só começaram a lutar efetivamente em 1918. Ampliaram sua quantidade de navios, seu exército e seus equipamentos. Dessa forma, superou Itália, Reino Unido e França, não só com munição, mas também comida. Sua entrada tardia na guerra e sua localização, os colocavam em situação diferenciada das demais nações, perdeu quantidade significativamente menor de vidas e de territórios. Perdeu 117.000 soldados, enquanto que a França saiu da guerra com mais de um milhão de vítimas de guerra.

A delegação dos Estados Unidos teve como participação mais expressiva na Conferência, a tentativa de pôr os 14 pontos de Wilson em prática; os quais representariam a base para a rendição alemã e ao mesmo tempo instaurariam uma paz duradoura sobre o mundo. A nova peça do jogo, que veio acabar com a hegemonia europeia, trouxe para a conferência seus ideais para uma nova ordem internacional: a democracia, o princípio da autodeterminação e o sistema de segurança coletiva. Desconsiderava, então, a prática da *Realpolitik*—política fundada em considerações práticas em detrimento de noções ideológicas— praticada, por exemplo, por Bismarck durante o processo da unificação alemã.

A proposta apresentada pela delegação, em teoria, contrapunha o conceito de equilíbrio de poder, a partir do qual a diplomacia europeia vinha se baseando. A partir do princípio da autodeterminação<sup>2</sup>, seria garantido a um povo de um determinado país o direito de se autogovernar, de escolher como seria legitimado seu direito interno sem influência de qualquer outro país. Já o sistema da segurança coletiva representa um tipo de estratégia em que um grupo de nações concorda em não se atacar e em defender umas as outras contra um possível ataque, ainda que interno. O que difere da Defesa Coletiva, na qual as nações organizam-se no sentido de defender seu próprio grupo contra ataques externos.<sup>3</sup>

Na opinião de Wilson, a paz deveria ser instaurada a partir dos referidos princípios da autodeterminação e segurança coletiva. Para ele, o que o mundo precisava não era da compilação de interesses nacionais, mas da busca da paz como conceito geral e como objetivo comum. Quem determinaria se uma violação da paz havia sido cometida ou não seria uma instituição internacional como a Liga das Nações. A ideia era que os países associados compusessem uma diplomacia mundial mais transparente, com soluções

---

<sup>2</sup> <http://opil.ouplaw.com/view/10.1093/law:epil/9780199231690/law-9780199231690-e873>

<sup>3</sup> [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141995000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000300011)



#### **IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO**

pacíficas, com maior diálogo e que garantisse segurança dos territórios, evitando, assim, outras guerras nas mesmas proporções.

Sendo assim, Wilson propunha uma nova ordem mundial que dependia da boa vontade das nações. Afirmou que o único método para alcançar a paz dependia da confiança e da boa-fé das nações que viessem a participar da Liga, que quando o perigo chegasse, “nós”(participantes da liga) também chegaríamos, mas seria preciso ter confiança. De acordo com o diplomata americano Henry Kissinger, o mundo idealizado por Wilson seria baseado em princípios e não em poder, em leis e não em interesses. Ou seja, nações da nova ordem mundial avaliariam agressões cometidas pelas nações a partir da moral e não em julgamentos geopolíticos. O que fez com que o delegado e também presidente americano, chegasse a ser considerado por muitos como um idealista.

Seguindo a lógica das propostas “idealistas” de Wilson, a delegação americana diferenciava-se das outras. Seus posicionamentos não buscavam certas condições específicas como as outras delegações, mas fazer surgir uma nova atitude Alemã e até mesmo nos outros Estados. Dessa forma, instaurava-se na Conferência esta grande divergência de pontos de vista. As forças aliadas podiam até estar interessadas pelos ideais, porém, encontravam-se em situações demasiadamente delicadas para se darem ao luxo de confiar o futuro de suas nações em tais pensamentos.

A França e sua vontade de enfraquecer a Alemanha por meio da sua fragmentação necessitaria do apoio dos aliados, mas como poderiam os Estados Unidos cometer tamanha violação do princípio da autodeterminação? Não faria sentido. Contudo, as ações da delegação americana nem sempre acompanharam sua ideologia, a pregada reconciliação pacífica não teve vez durante a Conferência de Paz. Diversas medidas punitivas, aprovadas pelos americanos, entraram em conflito com os 14 Pontos.

A região da Renânia pode ser utilizada como exemplo; os Estados Unidos não pretendiam a separar da Alemanha por causa de suas convicções, por tudo que eles haviam defendido até então. Como defendeu Woodrow Wilson, esta “paz” estaria sendo firmada de forma contrária a tudo que haviam defendido e ainda estimularia um ressentimento permanente na Alemanha. Temiam que tomar colônias e províncias das nações vencidas iria apenas levar a futuros conflitos. Por isso a preocupação nos 14 pontos, especificamente no art. 5.

Segundo a historiadora Margaret Macmillan, Wilson trouxe de seu país para a conferência, a confiança de que a forma americana de ser era a melhor, mas já suspeitava que os europeus poderiam não percebê-lo. No entanto, os 14 pontos foram populares em relação a



#### **IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO**

alguns posicionamentos europeus. Como o suporte oferecido à Itália, apoiava sua expansão para áreas europeias que falassem o italiano. Além disso, os EUA estiveram de alguma forma em oposição a declarações unilaterais de culpa, mas acabaram concordando em tratar a Alemanha como culpada por começar a primeira guerra. A promessa de Wilson de criar a Liga das Nações para acabar com a guerra e para permitir autodeterminação para as nações criou enormes expectativas, que mais na frente, foram seguidas de decepções.

O Ponto 10 dos 14 Pontos de Wilson, por exemplo, oferecia aos vários grupos vivendo no império austro-húngaro a possibilidade de formar Estados-nações. Turcos do império turco otomano deveriam continuar governando-se, mas outras nacionalidades do império também estariam livres para formar seus próprios estados.

##### **6.2 França**

Apesar do supramencionado “Plano Schlieffen” não ter alcançado todos os seus objetivos, a Alemanha conseguiu destruir grande parte do norte da França e ocasionou a morte de mais de 1,3 milhões de soldados franceses. Tudo isso somado a uma grande dívida de guerra, faz com que a França buscasse na conferência a garantia de que não voltaria a ser atacada pela Alemanha.

Dentre os objetivos a serem alcançados pela nação através da conferência, estavam a volta Alsácia-Lorena ao território francês; a criação da Polônia a partir de terras russas e alemãs; que a Renânia funcionasse como tampão entre França e Alemanha; e a criação de colônias francesas a partir do território otomano.

Um dos focos da França nesse comitê foi recuperar as regiões perdidas ao fim da Guerra Franco-Prussiana, em 1870, com a assinatura do Tratado de Frankfurt. Principalmente a região de Alsácia-Lorena, onde se encontrava grande concentração de carvão e ferro, assim como as Minas de Sarre, originalmente alemãs, mas que durante a Revolução Francesa foi anexada à França em 1792, e no presente momento teria grande influência na economia do país. Tal pretensão era apoiada nos 14 pontos de Wilson.

O desejo francês da criação da Polônia, assim como de outros estados localizados estrategicamente na Europa central, que seriam a Checoslováquia e a Iugoslávia, ofereceria uma espécie de balanço de poder, serviria de contra peso, a desfavor da Alemanha. Para tal efeito, também era do interesse francês, o advento de uma Renânia independente, uma região do lado oeste da Alemanha que poderia enfraquecer o país economicamente pela ampla presença de recursos e indústrias; e ainda, poderia criar grande vantagem, apresentando-se



como Estado tampão (aquele localizado entre duas grandes potências em possíveis conflitos), notadamente tratando-se de momento tão delicado, com escassez de comida e de estancamento comercial. Tal projeto seria efetivado a partir da ideia francesa de ocupar militarmente o lado ocidental do rio Reno, minimizando a possibilidade de novas invasões.

A França tinha, ainda, interesse em uma das regiões mais ricas em carvão e mais industrializadas da Alemanha: Sarre. De acordo com Kissinger, o comportamento francês durante a conferência haveria sido agressivo para mascarar sua vulnerabilidade e seu pânico. A França deixou a primeira guerra em situação mais instável que a própria perdedora Alemanha. Sentia, portanto, a necessidade de reestabelecer o equilíbrio entre as duas e, por isso, buscou, durante os seis meses de conferência, o separatismo da Renânia e a ocupação das minas de carvão de Sarre. E, como citado anteriormente, na criação de colônias francesas a partir do território otomano.

Não era de interesse francês que a Alemanha detivesse terras além de sua fronteira nacional. A França desejava a posse de partes do império otomano, inclusive já possuía uma relação com o território do Líbano durante a era otomana.

Quanto à questão militar, a França tinha como principal meta que a Alemanha fosse limitada militarmente ao máximo, uma vez que havia recebido ameaças alemãs desde 1871 (durante as crises do Marrocos). Em seu discurso, George Clemenceau faz menção às ameaças da Alemanha, caracterizando-as como aterrorizantes, ao evitarem populações de se dedicarem a trabalhar livremente por medo de seus inimigos, os quais poderiam aparecer a qualquer momento<sup>4</sup>. A França tinha ainda o objetivo de conseguir a assinatura de uma aliança com sua nação por parte do Reino Unido e dos Estados Unidos, para caso de um futuro ataque alemão.

Comparando a Conferência de paz com o Congresso de Viena, conforme Henry Kissinger, é possível observar certa mudança no comportamento dos países vencedores no que concerne ao seu relacionamento. Enquanto que em 1815, os vencedores chegavam a ameaçar entrar em guerra uns com os outros, em 1919, após a cansativa primeira guerra, os países estavam já drenados, havia sido esgotada tal possibilidade. O que se aplica especialmente à França, passando por um declínio econômico e pela diminuição de sua população em relação aos demais países, em especial a Alemanha.

Em se tratando de reparações quanto aos consequentes danos da Primeira guerra, a França esperava que a Alemanha se responsabilizasse por arcar com os custos

---

<sup>4</sup> [http://www.firstworldwar.com/source/parispeaceconf\\_clemenceau.htm](http://www.firstworldwar.com/source/parispeaceconf_clemenceau.htm)



#### **IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO**

provenientes dos estragos e gastos da guerra. Desejava, ainda, punir a Alemanha por ter causado a guerra.

Interessante lembrar que ao fim da guerra Franco-prussiana de 1870, a França foi derrotada e foi obrigada a pagar imensa indenização para pagar pela guerra e para puni-la por ter começado o conflito.

A delegação francesa, em especial o primeiro ministro francês George Clemenceau, via a conferência como uma forma de se proteger contra a Alemanha, como forma de defender suas fronteiras enfraquecidas, de dirimir sua vulnerabilidade, tolhendo o poder alemão. Em oposição, seu mais forte Aliado (EUA) propunha, como afirmou o historiador Kissinger, fundar a paz a partir de princípios que transformavam a segurança em um mero processo judicial. Clemenceau insistia, em contrapartida, na humilhação da Alemanha, reparações severas, desarmamento, fragmentação e perda de territórios. Apesar de o ministro entrar em conflito com a delegação americana em busca da maior repressão do Estado alemão, ironicamente, foi derrotado nas eleições presidenciais de 1920 por ter sido permissivo demais<sup>5</sup>.

De acordo com a historiadora Margaret Macmillan, a conferência não se limitava a um conflito entre uma França vingativa e americanos benevolentes, tendo os britânicos em cima do muro. Todos concordavam com a volta da Alsacia-Lorena para o domínio francês. De forma tácita, todos concordaram e em momento algum evocaram o princípio de autodeterminação, além disso, não foi consultada a população local. Todos concordavam que o estrago causado à Bélgica e ao norte da França deveria ser reparado. Todos concordavam, de alguma forma, que deveriam ser tomadas precauções para que a Alemanha não pudesse levar a Europa a uma outra guerra.

Sua população vinha passando por um declínio considerável, representava uma porcentagem muito maior em termos de população anteriormente a guerra. Não só passou por tremendo declínio em sua população como em sua economia. Em 1850, maior nação industrial do continente, em 1880, a produção da Alemanha já excedia a sua em 238 milhões de toneladas de carvão, o que se repetia com ferro e aço.

Voltamos, então, para o conflito entre a delegação francesa e a americana. A França sozinha não poderia alcançar seu objetivo de fragmentar a Alemanha, reestabelecendo a confederação do século dezenove. Necessitava do apoio dos Estados Unidos, por exemplo, o qual funcionava a partir do princípio da autodeterminação, princípio tal que ia de encontro

---

<sup>5</sup> <http://www.firstworldwar.com/bio/clemenceau.htm>



## **IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO**

diretamente com o objetivo perseguido por Clemenceau. Ao mesmo tempo, Wilson não estava também preparado para obstinar-se à uma solução muito pacífica.

O primeiro ministro francês, assim como outros representantes, não acreditava na Liga das Nações, vendo-a como uma utopia que traria malefícios ao país, e nisso tinham o apoio de muitas nações europeias que viam a Liga como um instrumento de domínio americano. Quem poderia culpar “O Tigre” (apelido dado a George Clemenceau)? O país não poderia garantir efetivamente seu futuro através de políticas como a da segurança coletiva. Eram novas ideias que surgiam, não testadas, e que se viessem a falhar poderiam fazer a França decair ainda mais.

### **6.3 Reino Unido**

O Reino Unido declarou guerra a Alemanha em 1914 quando o exército alemão invadiu Liège, na Bélgica, violando sua neutralidade. Tal neutralidade havia sido garantida pela Convenção de 1839, na qual estavam proibidas alianças com Bélgica e a sua invasão por qualquer outro país. Dentre as nações que haviam assinado a Convenção estavam os britânicos e franceses. Dessa forma, o governo britânico sentia-se obrigado a cumprir seu juramento, em caso de um ataque por outra nação, como ocorreu na cidade, considerada por muitos ser o local mais fortificado da Europa.

Além do compromisso, os britânicos ainda eram movidos pelo receio da poderosa marinha alemã. Se a Bélgica e França chegassem a cair, a marinha alemã e seus submarinos e seus U-boats estariam muito próximos de seus territórios. Não poderiam correr tal risco, sua segurança marítima era de vital importância, ainda mais por importar a grande maioria de seus alimentos e materiais primários para indústria.

Ademais, muitos no governo sentiam a obrigação de prestar assistência a França, tendo a Alemanha declarado guerra, por causa dos vários acordos firmados. Ainda que nenhuma aliança formal tivesse sido formada. Como aquela existente entre Rússia e França.

Ao fim da guerra, o império britânico possuía a maioria das colônias alemãs e áreas enormes do império otomano. No armistício de novembro de 1918, a marinha alemã inteira tinha sido entregue para o Reino Unido. Por consequência, muitas das metas britânicas já haviam sido alcançadas, antes mesmo da Conferência de Paris. A Alemanha tinha perdido sua marinha, marinha mercantil e suas colônias. Ou seja, uma de suas maiores competições acabava a guerra seriamente comprometida.



Sendo assim, o interesse britânico na Conferencia dividia-se entre o comércio, o mantimento de seu império e o domínio naval. O que seria obtido pelo sistema de balanço de poder, para que dessa forma nenhuma força pudesse confrontar tais interesses.

Como mencionado anteriormente, grande parte das áreas de interesse britânicas já haviam alcançado grandes progressos durante a guerra. O domínio naval foi um exemplo disso. Pelo fato de ser uma ilha e um império espalhado pelo mundo, sua maior preocupação era manter a marinha superior a todas as outras. Para alcançar tal superioridade naval rejeitou o segundo ponto de Wilson, o qual defendia o livre uso dos mares, seja na guerra ou na paz.

Além de sua força marítima superior, suas forças militares eram fortes. Porém, estavam diminuindo rápido. Durante 1919, o tamanho dos exército caiu em dois terços, isso em um tempo em que o Reino Unido estava tomando cada vez mais responsabilidades, como na Rússia e Afeganistão; lidando com cada vez mais problemas em seu império, como na Índia e no Egito; e para completar, enfrentando problemas com seus vizinhos irlandeses.

O fato econômico também pesava. O Reino Unido não era mais o centro comercial do mundo os Estados Unidos haviam chegado para tomar seu posto. Deviam, inclusive, grandes somas de dinheiro a estes. Toda essa conjuntura levou os britânicos a buscarem maior aproximação com os EUA durante a conferencia.

Em se tratando das pretensões territoriais britânicas, queriam separar a Alemanha de suas colônias. Parte dessa preocupação vinha da vontade de exercer controle sob o comércio alemão. Não só esteve presente a preocupação com o comercio, mas também a preocupação com a segurança. Depravando a Alemanha de suas colônias,

seria muito difícil alcançar a restauração de sua marinha, uma vez que, esta não possuiria mais nem bases, nem portos. O que representa mais um exemplo de pretensão já alcançada durante a guerra.

Porém, Suas pretensões territoriais concentravam-se principalmente no Oriente Médio, devido a seu oil. Almejava maior expansão colonial na área, beneficiando-se em cima do Império Otomano. Já tinha inclusive acordo com a França no assunto, o acordo Sykes-Picot. Buscava-se a reafirmação de tal acordo em Paris e a expansão de seu controle sobre potenciais áreas, ricas em minerais.

David Lloyd George, representante da Grã-Bretanha, estabeleceu em sua campanha eleitoral, prévia a Conferencia, que se comprometia a fazer a Alemanha pagar Utilizava-se do slogan “We will search pockets for it”, o que significa uma busca irrestrita pelas reparações, seriam vasculhados até os bolsos, em tradução livre. Porém, a destruição da Alemanha não beneficiaria nem a Europa nem ao império britânico, estaria preparando o



#### **IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO**

terreno para o crescimento russo. A política, então, aconteceria no sentido de deixa-la abalada, mas não destruída.

Tal problemática fundia-se à uma outra preocupação britânica, que seria a emergência da União Soviética. O Reino Unido, bem como a maioria dos países industrializados, queria prevenir os Bolcheviques de obterem sucesso na Rússia e de espalharem sua filosofia para as outras nações. Então, trazer uma Alemanha pacífica de volta ao sistema mundial do comércio preveniria a revolução de se espalhar e serviria de barreira contra a evolução soviética.

Acreditava que Alemanha deveria pagar, por meio de reparações. Ao mesmo tempo, acreditava na reabilitação alemã para a estabilidade do comércio internacional. Uma das nações mais industrializadas no mundo, que não só exportava para o Reino Unido, mas também importava muitos materiais e bens destes. Existia uma necessidade da Alemanha por motivos tanto políticos como econômicos. Muitas colônias e domínios estavam se tornando, cada vez mais, economicamente independentes a partir da mudança das indústrias britânicas, que foram de uma produção militar para produção consumidora. Além disso, uma Alemanha reabilitada poderia, com muito mais facilidade, efetuar reparações às Forças Aliadas.

#### **6.4 Itália**

O objetivo da Itália na Conferência de Paz de Paris era de obter mais territórios, e, assim, mais poder econômico e político. O país havia começado a guerra ao lado da Aliança, porém, devido a divergências de interesses na região do Mar Adriático com a Áustria, passou para o lado Entente. A conversão ocorreu também a partir da promessa de que, ao final da Guerra, territórios como o Tirol e parte das colônias alemãs passariam ao domínio italiano. As referidas promessas haviam sido feitas junto à assinatura do Tratado de Londres de 1915, um tratado secreto pelos países signatários da Itália, Grã-Bretanha, França e Império Russo.

Vittorio Orlando, o primeiro ministro italiano, representa o último dos Quatro Grandes. Outro ministro, também delegado na conferência, Sidney Sonnino geralmente o ofuscava. Segundo Margaret Macmillan, ambos os negociantes italianos teriam aparecido em Paris com o único objetivo de recolher a parte prometida ao país, não fez parte da política italiana criar uma nova ordem mundial.

Contudo, a pretensão italiana principal, entrava em conflito direto com os 14 Pontos de Wilson e o princípio da autodeterminação. Tirol do Sul, por exemplo, era



predominantemente austro-germânica e a Costa da Dalmácia, também prometida no Tratado de Londres, era majoritariamente eslávica. Ao fim, o fato de o território do Tirol ter sido concedido a Itália abriu precedentes para vários outros ajustes territoriais, “proibidos” pelo espírito autodeterminante dos 14 pontos.

### 7. A Conferência de Paz

#### 7.1 Antecedentes

##### 7.1.1 As Convenções de Genebra

Em 23 de Outubro de 1863, um comitê liderado pelo suíço Henri Dunant organizou, em Genebra, um congresso com representantes de 16 países. No ano seguinte, nessa mesma cidade, os 16 voltaram a se reunir, redigindo a *Convenção de Genebra para a Melhoria da Sorte dos Militares Feridos nos Exércitos em Campanha*, na qual se estabelecia o princípio basilar de que o militar ferido ou doente deve ser recolhido e cuidado sem distinção de nacionalidade. Eis a primeira Convenção de Genebra, que dá lugar ao nascimento do Direito Internacional Humanitário (DIH) e das Sociedades Nacionais da *Cruz Vermelha*.

Em 1906, foi assinada a segunda Convenção de Genebra, que tutelou a melhoria das condições dos feridos e doentes no combate naval, ou seja, da marinha de guerra (e mercante, auxiliar e subsidiariamente).



Figura 1.: FONTE: <https://www.icrc.org/es>

##### 7.1.2 As Convenções de Haia



#### **IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO**

A Primeira Conferência Internacional de Haia, de 1899, e assim também a Segunda, de 1907, ficaram conhecidas, por inspiração da opinião pública, como Conferências da Paz. Elas tiveram um caráter inovador no campo da diplomacia e das relações internacionais. Foram, em primeiro lugar, conferências multilaterais que não lidaram com a organização da ordem internacional de um pós-guerra, como ocorreu, no século XIX, com o Congresso de Viena (1815), origem do Concerto Europeu que estruturou o sistema internacional eurocêntrico depois do período das guerras napoleônicas. Com efeito, as duas conferências tiveram como lastro instigador a idéia da paz, defendida pelos movimentos pacifistas do século XIX que se organizaram no âmbito da sociedade civil, reagindo aos horrores da guerra magnificados pela destrutividade das armas que a inovação tecnológica foi propiciando.

Tanto a Primeira quanto a Segunda Conferência de Haia não foram um exercício stricto sensu de poder das grandes potências. Foram regidas pelo princípio igualitário de um voto para cada delegação. Neste sentido, inauguraram um campo novo de possibilidades para o que veio a ser a diplomacia multilateral. Foram pioneiras da diplomacia aberta em contraposição à tradição da diplomacia de sigilo e de segredo, pois foi grande o papel da imprensa na cobertura de suas atividades. Foram elas duas versões da Convenção sobre a Resolução Pacífica de Controvérsias Internacionais.

A Primeira Conferência de Haia foi expressão da “ideia a realizar” de um pacifismo ativo, voltado para uma ação sobre os meios de obter a paz, seja pelo estímulo à solução pacífica de controvérsias para, deste modo, evitar a guerra, seja pelo desarmamento para, desta maneira, afastar a sua possibilidade. Buscava, igualmente, ampliar a disciplina jurídica do uso da força nos conflitos bélicos – o jus in bello – do direito humanitário, que teve início como acima apontado com a criação da Cruz Vermelha, por meio de normas voltadas para influenciar a conduta das hostilidades de modo a evitar sofrimentos inúteis e limitar o número de vítimas.

A sugestão de uma segunda conferência foi uma iniciativa do presidente Theodore Roosevelt, dos EUA, em consulta com o governo russo, que tinha sido responsável pela convocação da Primeira. Teve como pano de fundo o exame dos resultados e da experiência da Primeira Conferência à luz da Guerra dos Bôeres (1899-1902) e da Guerra Russo-Japonesa (1904-1905). Esta última foi a primeira, desde a expansão do universo europeu no mundo iniciada no século XVI, em que um país não europeu foi vitorioso num conflito bélico com

um país europeu. Seguiu a linha de preocupação da “ideia a realizar” da Primeira e buscou, na síntese de Batista Pereira, que integrou a delegação brasileira, “mais juridicidade entre as relações de povo a povo”, “mais humanidade das guerras” e, “na medida do possível, substituir ao arbítrio o direito, à violência a razão, à intolerância a justiça”.

### 7.2 Pacifismo pré-guerra: grandes representantes

#### 7.2.1 Norman Angell

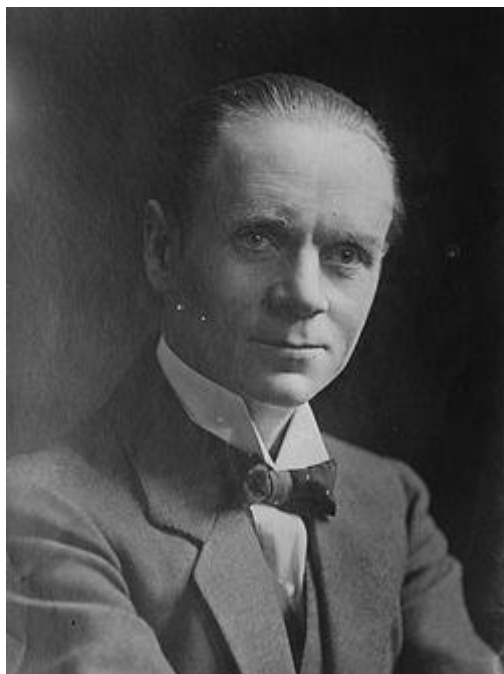


Figura 2.: FONTE:  
[https://en.wikipedia.org/wiki/Norman\\_Angell](https://en.wikipedia.org/wiki/Norman_Angell)

A crença europeia do pré-guerra defendia que todos os países vizinhos ao seu estariam dispostos a atacá-lo e presumidamente possuíam intuito de fazê-lo. A prosperidade de uma nação dependeria de seu poder político e este, como é ligado à competição entre as nações, estaria reservado àquelas que dispusessem de força militar preponderante, enquanto as mais fracas deveriam sucumbir.

Norman constata sua aversão a essa ideologia afirmando que a humanidade já superou a ideia que indústria e comércio de um povo estão ligados a expansão de fronteiras políticas e territoriais, até mesmo que as fronteiras políticas e econômicas de um país não precisam coincidir. A riqueza do mundo economicamente civilizado baseia-se no crédito e nos contratos, os quais resultam uma interdependência econômica decorrente da crescente divisão do trabalho e da facilidade das comunicações. Sua mais famosa frase é: “a guerra não é impossível, mas é inútil”.

#### 7.2.2 Alfred Nobel

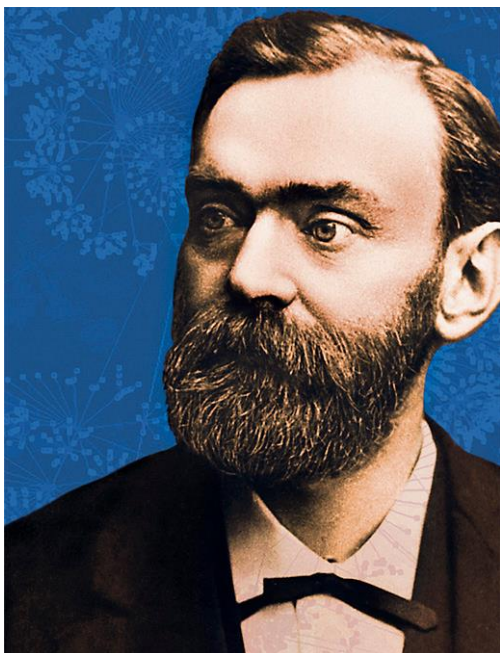


Figura 3: FONTE:  
<http://www.greatthoughtstresury.com/author/alfred-nobel-fully-alfred-bernhard-nobel>

O conjunto de prêmios mais famoso do mundo é o Prêmio Nobel. Concedido para a mais destacada realização em diversas áreas, entre elas, a paz. Eles foram criados em 1895 por Alfred B. Nobel, o mesmo homem que inventou a dinamite.

A criação dos Prêmios Nobel ocorreu por um acaso. Quando faleceu o irmão de Nobel, um jornal publicou um longo obituário de Alfred Nobel, por engano, acreditando que fora ele a falecer. Assim, Nobel teve uma oportunidade concedida a poucas pessoas: ler seu próprio obituário ainda em vida. Aquilo que ele leu o horrorizou: o jornal o descreveu

como um homem que tornara possível matar mais pessoas, mais rapidamente, que qualquer outro que jamais tinha vivido.

Naquele momento, Nobel percebeu duas coisas: que ele seria lembrado daquela maneira, e que não era assim que ele desejava ser lembrado. Pouco depois, ele estabeleceu os prêmios.

### 7.2.3 Andrew Carnegie



Figura 4: FONTE:  
<http://www.buyandhold.com.br/os-10-principios-do-magnata-andrew-carnegie/>

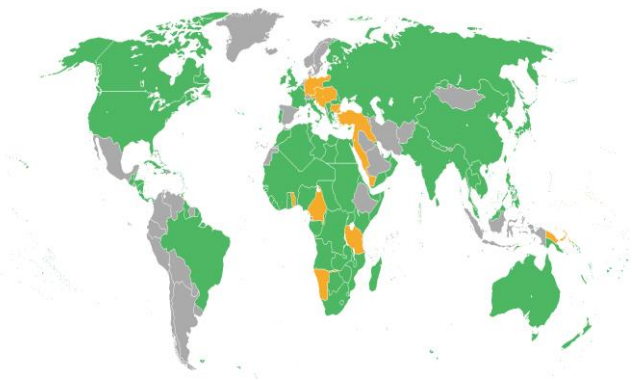
Andrew Carnegie foi um grande magnata, o homem com maior acúmulo de capital de sua época. Foi também o financiador da construção do Palácio da Paz, em Haia, o qual simboliza o uso do direito em prol da paz.

Criou, em 1910, a Fundação Carnegie pela Paz Internacional, grande organização internacional que leva seu nome. Carnegie se preocupava com o que aconteceria com o dinheiro que dera para essa fundação depois que a paz duradoura terminasse, e incluiu essa provisão em seu testamento. O

magnata foi um grande seguidor dos ideais liberais, defensor da paz como impulsionadora da liberdade.

#### 8. Políticas conservadoras x liberais

A CPP além de uma conferência, serviu como um termômetro social, ao unir no mesmo espaço diversos países, onde cada um possuía uma agenda bem definida com interesses diversos. Alguns países tinham o interesse de uma reforma no Sistema, algo que gerasse políticas mais liberais, enquanto outros, desejavam uma manutenção do status quo, garantindo a sua política conservadora.



Em verde, todos os países que participaram da reunião e eram dos aliados, em laranja, as Potências Centrais e as suas colônias.

De imediato, já se analisa uma certa vitória liberal com a presença de alguns países do Novo Mundo, como os Estados Unidos e Brasil. Sendo que os Estados Unidos possuiu um papel central para o fim da Primeira Guerra e acontecimento da reunião, como já foi anteriormente citado.

Outra participação importante de se analisar é a japonesa. O Japão foi o primeiro país asiático a vencer uma potência europeia em guerra tradicional, seu papel no Pacífico durante a Primeira Guerra, também foi de extrema importância para os aliados, mais tarde, o Japão acabaria por herdar a maior parte das colônias alemãs no Pacífico, que lhe seriam úteis anos mais tarde na sua expansão que acabaria com o fim da Segunda Guerra.

Ao abrir espaços para esses países, em maior parte pela importância e influência americana na situação, uma coisa ficava clara, novas potências surgiam e essas potências queriam um lugar de destaque na Ordem Internacional, não mais deixariam a Europa como o centro.

Assim como as nações européias estavam cientes desses detalhes e queriam interromper a sua perda de influência, como o caso da França, que foi invadida pelos alemães e chegou bem próxima de perder a guerra.



Todo esse embate fica mais claro com os 14 pontos proferidos pelo Presidente Wilson e como os Estados Unidos da América tomariam uma posição central, já que graças a eles, a vitória foi garantida.

### **Referências Bibliográficas**

Paxton, Robert O., and Julie Hessler. *Europe in the Twentieth Century* (2011)  
Knock, Thomas J. *To End All Wars: Woodrow Wilson and the Quest for a New World Order*

Andelman, David A. *A Shattered Peace: Versailles 1919 and the Price We Pay Today*

Dillon, Emile Joseph. *The Inside Story of the Peace Conference*

Dockrill, Michael, and John Fisher. *The Paris Peace Conference, 1919: Peace Without Victory?*

Macmillan, Margaret. *Paris 1919: Six months that changed the world*

<sup>1</sup> MAGNOLI, Demétrio. *Relações Internacionais: teoria e história*. São Paulo: Saraiva, 2004, p.67

<sup>2</sup> MAGNOLI, Demétrio. *História da Paz: os tratados que desenharam o planeta*. São Paulo: Contexto, 2008.

KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. New York: Simon&Schuster, 1994.

BECKER, Jean-Jacques. *O Tratado de Versalhes*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História Sociedade & Cidadania: volume único*. São Paulo: FTD, 2011.

CASELLA, Paulo Borba. *Tratado de Versalhes na história do Direito Internacional*. São Paulo: Quartier Latin, 2007.

MESGRAVIS, Laima. *A colonização da África e da Ásia: a expansão do imperialismo europeu no século XIX*. São Paulo: Atual, 1994

RODRIGUES, Luiz Cesar. *A Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Atual, 2006

(ESTADÃO. Em: <http://infograficos.estadao.com.br/especiais/100-anos-primeira-guerra-mundial/>. Acesso em 19 de fevereiro 2017.)

MAGNOLI, Demétrio. *Relações Internacionais: teoria e história*. São Paulo: Saraiva, 2004, p.67

MAGNOLI, Demétrio. *História da Paz: os tratados que desenharam o planeta*. São Paulo: Contexto, 2008.

(ESTADÃO. Em: <http://infograficos.estadao.com.br/especiais/100-anos-primeira-guerra-mundial/>. Acesso em 19 de fevereiro 2017.)

BARBOSA, Luiz Henrique.: *As Convenções de Genebra e o Estatuto de Roma: normas de efeito moral?* Rev. SJRJ, Rio de Janeiro, v. 17, n. 28, p. 289-318, 2010.



#### **IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO**

---

LAFER, Celso.: *CONFERÊNCIAS DA PAZ DE HAIA (1899 e 1907)* -BOBBIO, N. *Problema*; CARDIM, C. *Raiz*; CUNHA, P. *Diplomacia*; LACOMBE, A. *Rio Branco*-.

ANGELL, Norman.: *A grande Ilusão*; Editora Universidade de Brasília; Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais São Paulo, 2002.